

**AS IDEIAS DE POCHMANN**

O economista, professor da UNICAMP e presidente da Fundação Perseu Abramo conheceu o Laboratório das Artes de Franca e depois foi à UNESP fazer uma palestra. Apesar da fama da fala empolada da academia (Pochmann é um acadêmico renomado), sua conversa e argumentos são simples e didáticos quando fala de história, economia e política. É meu candidato a deputado federal.

Suas teses expressam um entendimento sofisticado do momento em que vivemos após o golpe jurídico-midiático-parlamentar de 2016. Quando alguns dizem que vivemos um período de mudanças, Pochmann afirma que na verdade vivemos uma mudança de período, não como um simples jogo de palavras. Ele se refere às transformações mais profundas que o país viveu: após mais de 300 anos de escravidão, o fim desta chaga social em 1888 foi uma dessas mudanças, de um país agrário e escravista para um país ainda agrário, mas que passava a explorar a mão de obra de outra forma. Com as lutas do tenentismo na República Velha, derrubada pelo golpe militar de Vargas, veio outra grande mudança de período, para um país urbano e industrial. E agora, passamos para um país urbano e de serviços com a desindustrialização em curso, mas que não sabemos ainda como será se não construirmos instituições adequadas a este novo período histórico. Para ele, apenas as igrejas neopentecostais e o crime organizado já entenderam o novo Brasil em mudança.

Pochmann lembra que o momento é de luta e ação, não de desalento, dando como exemplo a luta dos abolicionistas Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco. Qual seria a perspectiva destes lutadores diante da esmagadora maioria no parlamento de fazendeiros e escravistas? Ainda assim, conseguiram, lembrando que o papel da esquerda é de fazer o enfrentamento com novas ideias e ocupando todos os espaços possíveis para a luta política.

Crítico do capitalismo, Pochmann argumenta que, como a direita demoniza a política, cabe à esquerda mostrar que é possível fazer a diferença. A grande mídia, dominada por algumas poucas famílias, faz o papel de disseminar a ideia de que todos os políticos são iguais e que a política é uma coisa “suja”, abrindo espaço para os “300 picaretas” ocuparem o congresso, assembleias legislativas e câmaras municipais com representantes das elites endinheiradas e conservadoras. Pesquisas mostram que 42% dos deputados federais são ligados ao agronegócio (representando os interesses de 40 mil grandes proprietários de terras) e apenas 10% dos deputados são ligados a sindicatos ou movimentos de trabalhadores, gerando uma distorção na representatividade política difícil de reverter.

Para manter isso, colocam-se grandes obstáculos à representação dos trabalhadores na vida pública e na defesa de seus direitos. O fim do imposto sindical vai desorganizar o sistema sindical dos mais necessitados, que ficarão sem financiamento num momento em que 13 milhões estão desempregados (quem vai pagar mensalidade para o sindicato?), enquanto o empresariado mantém suas instituições com dinheiro do sistema “S” ou com seu próprio dinheiro. Para Pochmann, não há democracia sem instituições fortes, o que a precarização do trabalho pela “deforma trabalhista” do governo Temer vai agravar.

Pochmann coloca com clareza suas ideias e usou até o humor para responder uma daquelas “perguntas” em que o sujeito fala por quinze minutos e abarca o mundo (era pra perguntar ou pra responder?). Disse que Einstein precisava de dinheiro após sua aposentadoria. Para isso, resolveu fazer uma série de conferências pelo interior dos Estados Unidos e contratou um motorista para levá-lo na excursão. Cidade após cidade, ele e o sujeito viajaram juntos até que, certo dia, Einstein reclamou que estava cansado daquilo. O motorista reclamou, disse que ele estava muito mais cansado, pois o cientista falava por uma hora ao dia, enquanto ele dirigia por 6, 7 horas diárias.

Agastado, Einstein desafiou-o: “na próxima cidade, as pessoas não me conhecem, você vai lá então e faz a palestra no meu lugar”. O motorista topou na hora. Após ter assistido várias

palestras, o motorista havia decorado as falas e até que se saiu bem. Einstein ficou ao fundo do salão assistindo. Aí começaram as perguntas. A primeira ele respondeu, era bobagem, ficou enrolando até que alguém perguntou sobre uma questão da física quântica. O motorista, sem se apertar, disse: “essas perguntas são muito simples, vou deixar para o meu motorista responder, ele está sentado lá no fundo”. Votarei Pochmann como deputado na URSAL.  
Mauro Ferreira é arquiteto